

A importância da continuidade dos estudos da Folkcomunicação para manutenção da Cultura Popular¹

Fernanda Marusia Silva CARVALHO²

Iraê Pereira MOTA³

Faculdade Estácio do Recife, Recife-PE

Centro Universitário do Vale do Ipojuca (Unifavip/Devry), Caruaru-PE

Resumo

Este trabalho se propõe a evidenciar a importância da continuidade dos estudos da Teoria da Folkcomunicação, primeira tese originalmente brasileira na área, para manutenção da cultura popular, bem como a relação entre os dois conceitos e a maneira como estão interligados e se abastecem nas fontes de conhecimento e de manifestação um do outro. Para isto, fez-se uma revisão bibliográfica com base nas definições de Beltrão (1967) e de estudiosos que atualizaram a abrangência das abordagens iniciais do mesmo, que é precursor da teoria, incorporando-as às suas pesquisas e ampliando o horizonte de entendimento acerca da temática, a exemplo de José Marques de Melo (2008) e Roberto Benjamin (2008).

Palavras-chave: Folkcomunicação, Cultura Popular, Luiz Beltrão.

Introdução

Os estudos científicos sobre comunicação são relativamente recentes no Brasil. Como objeto de estudo científico, tornou-se escopo das pesquisas por volta de 1940, mesma fase em que a indústria cultural ganhou força em território nacional. No entanto, um dos marcos de pioneirismo na pesquisa científica é a tese formulada 27 anos depois pelo teórico Luiz Beltrão (1967).

¹ Trabalho apresentado no DT 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Pós- graduanda em Comunicação e Marketing em Mídias Digitais na Faculdade Estácio do Recife, bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pelo Centro Universitário do Vale do Ipojuca (Unifavip DeVry), email: fernanda.fernandacrvlh@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Jornalista, pós-graduada em Comunicação Empresarial, mestre em Extensão Rural e Desenvolvimento Local, professora do curso de Jornalismo do Unifavip/Devry, coordenadora da Agência de Notícias Unifavip, email: imota@unifavip.edu.br.

Intitulada de Folkcomunicação, a teoria avalia os fenômenos comunicacionais das regiões e comunidades brasileiras historicamente desfavorecidas das políticas públicas governamentais. Nestes agrupamentos ditos marginalizados, na conceituação do autor, a linguagem, a moradia e a localização geográfica são reflexos da falta de acesso à saúde, educação, segurança, cidadania, entre demais serviços sociais, e o ambiente torna-se propício ao assistencialismo político.

Nestas condições, as práticas culturais se sobressaem e simbolizam também o potencial comunicativo daquele grupo marginalizado, por se tratarem de manifestações que disseminam a cultural local e possibilitam a interação coletiva, constituindo parte significativa do oxigênio social e dos processos de informação.

Diante do exposto, este artigo científico tem como objetivo abordar a estreita relação entre Folkcomunicação e Cultura Popular, propondo que a continuação dos estudos do primeiro conceito é fundamental para a manutenção do segundo e o reconhecimento de suas novas conjunturas, que representam as transformações da humanidade e os impactos coletivos e individuais dessas mudanças. Para isto, foi feita uma revisão bibliográfica das abordagens de importantes teóricos sobre os principais temas abordados, na perspectiva de demonstrar esta correlação.

A pesquisa foi elaborada fundamentando-se no conceito de Folkcomunicação e na importância do mesmo para os estudos culturais, sociais e da comunicação. Assim, pretende-se colaborar com os estudos da tese na Academia, levando em consideração sua importância para divulgação e conhecimentos das expressões culturais locais.

Teoria da Folkcomunicação

A Folkcomunicação desperta a atenção do setor acadêmico das comunicações, escolhendo como laboratório de investigação expressões da cultura popular e seu potencial comunicativo. O termo surgiu como resultado das pesquisas científicas do comunicólogo Luiz Beltrão, símbolo do pioneirismo brasileiro nos estudos sistemáticos dos fenômenos da comunicação nas instituições de ensino superior. Em 1967, a Folkcomunicação despontou em virtude da tese de doutoramento apresentada na Universidade de Brasília, no entanto, Beltrão já havia iniciado as discussões sobre o tema em artigo da revista *Comunicações & Problemas* (1965), no qual o autor avaliou o artigo religioso conhecido como ex-voto,

expressão cultural das camadas populares, como possível meio de comunicação entre os integrantes das regiões que tem o ex-voto como prática e destes com o ambiente externo.

O artefato religioso, traço da religião católica que nomeia aquilo que é oferecido ao sagrado em reconhecimento a uma graça alcançada podendo ser um objeto, imagem, peça ou qualquer outro artigo, é tratado como uma espécie de veículo jornalístico que no entendimento do comunicólogo seria um canal de transmissão de mensagens, que, neste caso, potencializaria a representação dos santos, anjos ou mártires a quem fosse dedicado para devotos e não devotos que tivesse contato com o símbolo.

Desta maneira, Beltrão trouxe para o universo dos estudos científicos da comunicação uma série de outros símbolos e práticas da cultura popular que ainda não versavam pelo recente raciocínio teórico da época, no que diz respeito à comunicação como ciência. Em torno do ex-voto, formularam-se os primeiros pensamentos do autor a respeito da Folkcomunicação, que dariam vazão ao interesse por outras linguagens, códigos, manifestações e públicos típicos nos mencionados grupos marginalizados. Como reflete Roberto Benjamin em “à medida em que avançava em sua pesquisa, Beltrão ia verificando que os agentes comunicadores de fora do sistema convencional e as modalidades que adotavam para transmissão de sua mensagem eram de características folclóricas” (BENJAMIN, 2008, p. 282).

Tendo observado a relação estreita entre cultura popular e folclore, que faz com que os termos se confundam em sentido e percepção, esta inspirou Beltrão a intitular a tese de sua autoria, na perspectiva de que o teórico se abasteceria das inúmeras exteriorizações destes conceitos que se fundem e se complementam, conforme pode ser visto nas palavras do folclorista Luís da Câmara Cascudo, já citado anteriormente como um dos mais eloquentes incentivadores dos estudos de Beltrão, sendo reproduzido por José Marques de Melo.

Todos os países do mundo, raças, grupos humanos, famílias, classes profissionais possuem um patrimônio de tradições que se transmite oralmente e é defendido e conservado pelo costume. Esse patrimônio é milenar e contemporâneo. Cresce com os conhecimentos diários desde que se integram nos hábitos grupais, domésticos ou nacionais. Esse patrimônio é o Folclore. (MARQUES DE MELO apud CASCUDO, 2008, p. 20).

O próprio autor explicou a escolha do termo Folkcomunicação para definir os estudos que iniciara, que em essência alegavam que a cultura de massa e a cultura popular coexistiam, sendo esta última responsável por decodificar as mensagens emitidas pelos meios de comunicação de massa para os grupos sociais excluídos dos avanços da

modernidade em face da trajetória de exploração, que resultaram em anos e anos de retrocesso social.

A vinculação estreita entre folclore e comunicação popular, registrada na colheita dos dados para este estudo, inspirou-me na nomenclatura desse tipo “cistemático” de transmissão e notícias e expressão do pensamento e das vindicações coletivas. Denominei-o Folkcomunicação, definindo-o como processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, ideias e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore. (MARQUES DE MELO apud BELTRÃO, 2008, p. 21).

Neste sentido, o conceito não está ligado às práticas convencionais dos meios de comunicação, em suma corporificados nos meios tradicionais, mas, também, aos métodos utilizados para informar, disseminar informações e as práticas, próprias ou de outras fontes, aos membros dos grupos marginalizados. Foi observando o processo comunicacional nestas conjunturas que Beltrão estruturou a teoria folk, considerando a existência dos agentes-comunicadores, pertencentes aos conjuntos, como peças fundamentais para que as parcelas desprivilegiadas se integrem ao sistema da comunicação social, pois caberia a estes o intermédio das mensagens que não assimilariam as disparidades sociais, econômicas e políticas dos grupos menos favorecidos em seus discursos homogeneizadores. Ademais, a identificação deste propulsor possibilitou ao teórico o contato com outras vertentes teóricas similares que já consideravam a presença de um agente mediador no processo de transmissão de mensagem. Ainda no universo desta teoria, a falta do intermédio supõe que os receptores estão familiarizados com a emissão procedente, inferindo conhecimento de códigos e métodos utilizados na difusão de mensagens, como reflete Beltrão (1980).

Uma destas vertentes foram as pesquisas desenvolvidas nos Estados Unidos, brevemente relatadas nos escritos de Beltrão na obra Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados, que averiguaram os impactos comportamentais nos consumidores de campanhas políticas e publicitárias. Entre os apontamentos das pesquisas, a aceitabilidade dos receptores estava diretamente ligada à influência exercida por pessoas de convívio próximo ao receptor com relação aos temas do que a credibilidade do comunicador e da fonte originais. Esta pesquisas também fundamentaram o modelo de mensagens transmitidas com o objetivo de atingir a massa, que caracteriza a cultura de massa.

Ademais, o público receptor da mensagem massiva é heterogêneo, notadamente no que diz respeito à cultura; desse modo, o conteúdo latente da comunicação não é captado por uma parcela significativa da audiência, à qual falta aquela experiência comum que condiciona a sintonização entre

comunicador e receptor. A diferença do processo do diálogo interpessoal/intergrupar direto, a industrialização da mensagem massiva não permite a imediata correção, reformulação ou adequação à capacidade receptiva do indivíduo que a consome. O que o leva, sobretudo se desconhece “a linguagem” e se situa em “universo de discurso” diverso do comunicador, a procurar uma conexão com o grupo ou grupos com que se acha relacionado, seja familiar, ideológico ou profissional, para obter esclarecimento. (BELTRÃO, 1980, p.29)

Outra tendência que inspirou as ideias iniciais da Folkcomunicação foi o modelo de difusão da comunicação de massa, influenciada também pelos resultados das pesquisas citadas anteriormente. O modelo criado por Wilbur Schramm, ilustrado pelo desenho de uma tuba, reforça mais uma vez a ideia de que a receptividade das mensagens depende da difusão das mensagens dentro dos grupos que compõem a audiência como um todo. Neste modelo também os emissores enviam mensagens através de canais similares que chegam à audiência que irá discutir os sinais recebidos e a produção destas percepções coletivas resulta em uma ação comunicacional de retorno e de que disso depende a comunicação de massa, logo os efeitos desta seriam secundários, como descreveu Beltrão a explicar a influência de estudos como estes para a formulação de sua tese.

Isto posto, criou-se uma associação com outras considerações de nomes importantes do pensamento teórico comunicacional, a intitulada Teoria da Comunicação em Múltiplas Etapas. Teoria americana desenvolvida em período eleitoral nos Estados Unidos, o modelo Two-step-flow- fluxo comunicacional em duas etapas- desenvolvido entre as décadas de 40 e 50 e elaborado por Paul Lazarsfeld, Bernard Berelson e Hazel Gaudet, trata-se da teoria que considera a existência de duas vertentes na comunicação: a que passa do comunicador ao chamado líder de opinião e a que é transmitida deste último ao receptor comum, relativizando novamente a influência direta dos emissores de informações tradicionais que fazem parte da cultura da massa. A teoria defende que os formadores de opinião comunitários constroem a opinião pública nas pequenas ou grandes porções habitacionais as quais têm acesso, valorizando as concepções intelectuais e relações interpessoais do receptor para validar as influências exercidas.

Beltrão ainda elege os estudos de Robert K. Merton sobre a importância da influência interpessoal para a comunicação comunitária; Elihu Katz, conjuntamente a Paul Lazarsfeld, através da obra *Personal Influence*, e suas observações sobre a influência pessoal. Outros nomes de destaque ainda são citados como fundamento para a teoria da comunicação em duas etapas, o teórico replica características generalizantes apontadas nas pesquisas de Katz e Lazarsfeld como atributos elementares que auxiliam no entendimento

sobre a figura do agente-comunicador, que versa pelo pensamento de Beltrão ao consolidar a teoria folkcomunicação.

Verificou-se, de uma maneira geral, que: ‘1) a influência de outras pessoas em decisões específicas tende a ser mais frequente- e certamente mais efetiva- que a dos meios de comunicação de massa; 2) influenciadores e influenciados mantêm íntimas relações e, conseqüentemente, tendem a compartilhar das mesmas características de situação social: é muito raro pessoas de alta situação social influenciarem outras de baixa condição e vice-versa; 3) indivíduos intimamente relacionados tendem a ter opiniões e atitudes comuns e relutam em abandonar o consenso do grupo, mesmo que os argumentos dos meios de comunicação de massa lhes pareçam atraentes; 4) há especializações na ‘liderança de opinião’- por exemplo: uma mulher é influente sobre compras, mas provavelmente não o será quanto a modas; 5) embora a influência passe dos mais para o menos interessados, estes últimos devem ter suficiente interesse para serem suscetíveis: não há líderes sem partidários e o partidarismo exige interesse; 6) os ‘líderes de opinião’ têm mais tendência a se exporem aos meios de comunicação de massa, particularmente aos mais relevantes para suas esferas de influências’. (BELTRÃO apud KARTZ e LAZARFELD, 1980, p.31)

Beltrão, ao citar Kartz e Lazarsfeld, encontra características amplificadoras sobre os líderes, o que resulta na seleção de aspectos que foram considerados, e são até a atualidade, como determinantes para identificar entre os grupos analisados os integrantes mais proeminentes que contribuem de modo expressivo para o êxito dos processos comunicativos. Em síntese, os autores corroboram com a ideia de que a influência afetiva é tão ou mais determinante do que os meios de comunicação para as escolhas individuais; ainda alegam que o compartilhamento das mesmas vivências e aspectos sociais aproxima o coletivo do lidar, o que de certa forma reafirma o quesito anterior, pois a medida que as experiências sociais aproximam os indivíduos a influência exercida sob ambas as partes é mais significativa. Os teóricos ainda dialogam ante a premissa de que as relações interpessoais sugestionam comportamentos iguais; a credibilidade atribuída pelo grupo à figura dos líderes e as opiniões dos mesmos foi outro tópico elencado também por sua importância e, por fim, na acessibilidade superior as mensagens transmitidas por fontes externas ao grupo, principalmente as da grande mídia.

Continuidade das abordagens iniciais de Luiz Beltrão

Como já destacado por José Marques de Melo (2008), atenta-se para o fato de que originalmente Beltrão concebia a Folkcomunicação como integrante do processo de mediação das mensagens da cultura das elites, erudita ou massiva, e a cultura das classes trabalhadoras, rurais ou urbanas, e que, embora os canais de comunicação folk não sejam igualmente vanguardistas como os da indústria cultural, são deles que uma parcela da população se fomenta para se integrar a atualidade, através de linguagens familiares que são capazes de reler o que é difundido de maneira muitas vezes complexa em se comparando ao caráter simplificador das expressões da cultura popular. Sobre a Folkcomunicação, Beltrão aponta:

Em outras palavras, a Folkcomunicação é, por natureza e estrutura, um processo artesanal e horizontal, semelhante em essência aos tipos de comunicação interpessoal já que suas mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares à audiência, por sua vez conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador, ainda que dispersa. (BELTRÃO apud BELTRÃO, 2004, p. 74)

A teoria originalmente desenvolvida por Beltrão como uma nova área de pesquisa em Comunicação no Brasil não se limitou aos estudos iniciais do autor. Coube aos seguidores da folkcom expandir e reinterpretar a tese criada observando as novas realidades contemporâneas, sem desvincular-se do legado do autor. Esta se mostra mais uma característica relevante sobre a tese, mesmo tendo sido formulada em 1967, as aplicabilidades da tese continuam atuais; o nível de conhecimento adquirido sobre a teoria cresce à medida que ganha ressignificações, em que são avaliadas novas relações entre a cultura popular e a cultura de massa, que o número de seguidores não permanece inerte e que a pesquisa adentra as universidades brasileiras sendo instituída nas grades curriculares de futuros comunicólogos como importante reflexão teórica.

Seu objeto de estudo situa-se na fronteira entre o Folclore (resgate e interpretação da cultura popular) e a Comunicação de Massa (difusão industrial de símbolos por meios mecânicos ou eletrônicos destinados a audiências amplas, anônimas e heterogêneas). Se o Folclore compreende formas interpessoais ou grupais de manifestação cultural protagonizadas pelas classes subalternas, a Folkcomunicação caracteriza-se pela utilização de mecanismos artesanais de difusão simbólica para expressar, em linguagem popular, mensagens previamente veiculadas pela indústria cultural. Se o folclore compreende formas interpessoais ou grupais de manifestação cultural protagonizadas pelas classes subalternas, a Folkcomunicação caracteriza-se pela utilização de mecanismos artesanais

de difusão simbólica para expressar, em 36 linguagem popular, mensagens previamente veiculadas pela indústria cultural. (MARQUES DE MELO, 2008, p.1).

A relação entre folclore, cultura popular e cultura de massa, ponderada pelo autor na Folkcomunicação, norteia a continuação da pesquisa pelos seguidores de Beltrão mesmo na atualidade. Explicar esta relação é fundamental para o entendimento da compreensão inicial que Beltrão fazia de sua propositura, mesmo sabendo que o aperfeiçoamento da mesma por seguidores beltranianos contemporâneos ampliou as acepções sobre a teoria. José Marques de Melo também se dedicou a discorrer sobre os termos, assinalando as conexões estabelecidas pela Folkcomunicação.

Cultura Popular

A Teoria da Folkcomunicação se dedica a pesquisar as manifestações culturais que se desenvolvem no cenário das camadas consideradas populares. Neste contexto, a abordagem do conceito de cultura é indispensável para que se observem os estudos folkcomunicacionais com melhor entendimento. O conceito em questão é um dos mais adotados nas discussões provocadas pelas ciências humanas e sociais, configurando-se também como um dos mais abrangentes e de difícil delimitação por se tratar da identidade do ser coletivo e do ser pessoal, por significar a memória afetiva e histórica de grupos e civilizações que permitem as gerações contemporâneas perpetuarem traços, costumes, práticas, rituais dos antepassados.

E não apenas a cultura também se estabelece como uma conexão entre o ser humano e seu local de origem ou de reconhecimento, mas, também, como sobrevivência e de adaptação as condições do meio

No que versa sobre a cultura popular, levando-se em consideração que costumes e práticas culturais são características históricas e sociais das comunidades das quais se originaram, às manifestações das camadas sociais marginalizadas convencionou-se a conotação de representantes da Cultura Popular. Adota-se a perspectiva de que estas expressões ajudam a contar a trajetória de povos e lugares e são, na maioria das vezes, desenvolvidas com base em matérias autênticos das condições locais que se encontram com facilidade na natureza que permeia estas comunidades.

A partir deste recorte, a Folkcomunicação reflete sobre a tradicionalidade, a rudimentaridade, as expressões quase que inerentes a vivência das camadas sociais a

exemplo das práticas religiosas comuns nestes contextos e que fazem parte do senso comum, da verdade, da identidade coletiva e pessoal dos indivíduos que compõem os agrupamentos. À medida que a teoria percorre estes caminhos, conclui-se que as expressões compreendidas como representantes da cultura popular compõem o campo ideário no qual a Folkcomunicação se explana.

O conceito de cultura popular é amplo, pois engloba uma série de aspectos que a caracterizam como valores coletivos, relações sociais, dinâmica própria, materiais peculiares entre outros. Desta maneira, as interpretações comuns e científicas a respeito do tema não são hegemônicas, nem tampouco unânimes. Entre as atribuições que são absorvidas pelo conceito de cultura popular, existem o da identificação pessoal, o da pertença do indivíduo, o da subjetividade. Como descreve Ecléa Bosi “quando não existe um todo social no qual o indivíduo possa participar e se sentir como parte dele, faltará a seiva que nutre sua identidade” (BOSI, 1991, p. 66).

Bosi (1991) analisa a cultura popular como um todo congruente, um sistema coerente e autônomo que não se domina pela cultura vigente e possui uma dinâmica distinta da lógica totalizante que se emprega. A discussão sobre a relação entre cultura popular, de massa e erudita perpassa por essas definições, pelo que se entende por cada uma deles. No contexto contemporâneo da globalização, das mudanças tecnológicas, da informação unilateral, midiaticizada, intermediada, o diálogo sobre o que de fato pode ser definido como cultura perpetuar as práticas e contribuam para a sobrevivência das práticas culturais populares em meio à absorção social das manifestações ditas de massa, velozes e constantemente mutáveis.

Certeau (1996) relaciona o conceito de cultura, referindo-se ao termo em âmbito popular, com os personagens que as põem em prática. Ele diz: “Para que haja cultura, não basta ser autor das práticas sociais; é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza” (CERTEAU, 1996, p. 142). No tocante à cultura de massa, trata-se também de um conceito amplo. A cultura de massa está relacionada à sociedade do consumo, à produção da indústria cultural, ao Capitalismo, à fabricação em larga escala e ao desenvolvimento dos meios de comunicação. Nesta concepção, a massa se refere às multidões, ao grande grupo, que absorve informações transmitidas de maneira unilateral, o emissor fala a massa, considerando-a homogênea, com pessoas semelhantes que anseiam pelos mesmos produtos, mensagens e serviços.

Considerações finais

Com base no trabalho desenvolvido, foi possível concluir sobre a necessidade da continuidade dos estudos folkcomunicacionais serem cada vez mais abrangentes, no sentido de aprofundarem as concepções atribuídas por Luiz Beltrão à teoria levando em consideração as transformações sofridas pela humanidade, desde as proporções menores até as mais generalizantes. Entende-se que a teoria está diretamente ligada ao conceito macro de Cultura Popular e por isso contribui para a perpetuação do mesmo e conhecimento de suas mais diferentes formas de expressão, colaborando para a extensão do que reconhecemos como expoentes deste tipo de cultura. Propõe-se com isto um olhar mais abrangente na análise das novas manifestações da folkcomunicação, que aprecie modificações ocasionadas pelo contato com o massivo e com os avanços sociais e tecnológicos, por exemplo, que visam entre outras questões à sobrevivência do popular, sem que se desvalorize a essência identificada em diversos fatores de representação.

O artigo relacionou os dois conceitos, demonstrando uma profunda conexão da pesquisa folkcomunicacional com a cultura popular, pois os objetos de estudo dos teóricos da folk são elementos que compõem este tipo de cultura. À medida que o conhecimento sobre a Folkcomunicação for ampliado, os hábitos, costumes e produções de novos grupos marginalizados podem ser congregados ao ideário de cultura popular e contribuir, inclusive, para divulgação uma série de valores coletivos e individuais.

Referências

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: teoria e metodologia**. São Bernardo do Campo: Editora UESP, 2004.

BENJAMIN, Roberto. **Folkcomunicação: da proposta de Luiz Beltrão à Contemporaneidade**. Revista Latinoamericana de Ciencias de La Comunicación. São Paulo. Dezembro. 2008.

BOSI, Ecléia. **Cultura de Massa e Cultura Popular:** leituras de operárias. Petrópolis: Vozes, 1986.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2,** morar, cozinhar. Petrópolis: Artes de Fazer, 1996.

MARQUES DE MELO, José. **Mídia e Cultura Popular:** História, taxionomia e metodologia da Folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.